

A CANÇÃO DO THE EVOLUTION DA BANDA PEARL JAM COMO PONTE ENTRE DURKHEIM E O ANTROPOCENO

DOI: 10.5281/zenodo.17727297

Lara Hennersdorf¹

Kelly Bosshard Villar²

Atila Barros³

RESUMO

Este ensaio analisa o diálogo entre a crítica sociológica de Émile Durkheim e a mensagem da música *Do the Evolution* (1998), da banda Pearl Jam, destacando como ambas as produções elaboram questionamentos estruturais sobre a modernidade, o progresso e a condição humana. A partir de uma análise de conteúdo articulada com revisão bibliográfica, discute-se como conceitos durkheimianos, especialmente anomia, coesão social, solidariedade e racionalidade moral, iluminam a crítica contemporânea expressa na canção, que denuncia a violência, o individualismo e a degradação ambiental decorrentes de um modelo civilizatório orientado pela racionalidade instrumental. Argumenta-se que tanto Durkheim quanto a canção da banda Pearl Jam desvelam contradições centrais do projeto moderno, evidenciando seus efeitos desumanizantes e a urgência de

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

reconstrução de vínculos éticos e coletivos.

Palavras-chave: Durkheim; Modernidade; Anomia; Progresso; Crítica Social.

ABSTRACT

This essay examines the dialogue between the sociological critique of Émile Durkheim and the message of the song Do the Evolution (1998) by the band Pearl Jam, highlighting how both works elaborate structural questions about modernity, progress, and the human condition. Through a content analysis articulated with a bibliographic review, the essay discusses how Durkheimian concepts, especially anomie, social cohesion, solidarity, and moral rationality, illuminate the contemporary critique expressed in the song, which denounces the violence, individualism, and environmental degradation stemming from a civilizational model driven by instrumental rationality. It is argued that both Durkheim and Pearl Jam's song unveil central contradictions of the modern project, highlighting its dehumanizing effects and the urgent need to rebuild ethical and collective bonds.

Keywords: Durkheim; Modernity; Anomie; Progress; Social Critique.

INTRODUÇÃO

A modernidade consolidou-se como uma época de rupturas, inovações e paradoxos. Desde a Revolução Industrial até a globalização contemporânea, sociedades experimentaram transformações econômicas, políticas, culturais e tecnocientíficas em ritmo acelerado, gerando simultaneamente progresso material e crises sociais profundas. A promessa moderna de emancipação humana por meio da racionalidade, tal como formulada por pensadores iluministas, não apenas se realizou em avanços técnicos extraordinários, mas

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

também gerou novas formas de desigualdade, alienação, anomia⁴ e destruição ecológica. Assim, compreender a modernidade exige mover-se entre suas conquistas e seus fracassos, entre a esperança e o desencanto.

É nesse cenário ambivalente que se insere o diálogo entre a sociologia clássica de Émile Durkheim e a crítica cultural expressa na música *Do the Evolution* (1998), da banda Pearl Jam⁵. Embora separados por mais de cem anos e por tradições discursivas distintas, ciência e arte, ambos convergem na denúncia dos desequilíbrios normativos produzidos pelo projeto moderno. Durkheim, preocupado em explicar como as sociedades se mantêm coesas em meio à complexificação social, advertiu sobre os riscos inerentes à perda de regulação moral, à fragmentação do tecido social e ao individualismo exacerbado que emergia com o capitalismo industrial. A banda estadunidense Pearl Jam, por sua vez, transforma em performance estética essa mesma inquietação: em *Do the Evolution*, o progresso humano aparece como caricatura grotesca de si mesmo, marcado pela arrogância, violência histórica e destruição ambiental.

A aproximação entre Durkheim e o Pearl Jam, permite ampliar a compreensão dos dilemas da modernidade ao conciliar a análise estrutural dos fenômenos sociais com uma crítica ético-estética da experiência humana contemporânea. A canção não é apenas comentário musical sobre o mundo, mas uma narrativa que evidencia, por meio da ironia e da hiperbolização, os efeitos desumanizantes da racionalidade instrumental, a mesma que Durkheim identificava como fonte potencial de anomia. A música, portanto,

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

torna-se laboratório interpretativo que expressa de modo visceral aquilo que a sociologia formula com precisão conceitual.

A relevância desse estudo está na possibilidade de reatualizar um clássico, Durkheim, à luz de fenômenos culturais contemporâneos que traduzem sensibilidades coletivas e tensões vividas na modernidade tardia. O século XXI tornou ainda mais nítidas as contradições da modernidade denunciadas por ambos. A intensificação da globalização neoliberal, a financeirização da vida, a crise ecológica, a hiperindividualização, o colapso das instituições tradicionais e a fragmentação das identidades fazem da anomia durkheimiana um conceito central para pensar nossa época. Do mesmo modo, *Do the Evolution* soa mais atual do que em 1998, num mundo marcado pelo Antropoceno, por guerras geopolíticas recorrentes e pela ascensão de discursos autoritários, a canção funciona como espelho ácido do nosso próprio declínio civilizatório.

Este ensaio propõe, portanto, uma leitura interdisciplinar e transversal entre sociologia e cultura pop, entendendo que produções artísticas frequentemente capturam atmosferas morais e crises coletivas antes mesmo de serem diagnosticadas pelas ciências sociais. Ao examinar *Do the Evolution* com lentes durkheimianas, busca-se iluminar não apenas a crítica política da música, mas também a atualidade e a potência explicativa da sociologia clássica para compreender fenômenos sociais modernos.

Além disso, o estudo contribui para debates atuais sobre os limites do progresso moderno, questionando sua capacidade real de promover bem-estar, solidariedade e sustentabilidade. Se o progresso técnico foi

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

historicamente confundido com evolução moral, tanto Durkheim quanto o Pearl Jam, nos lembram de que tal associação é enganosa. O suposto “avanço” pode, muitas vezes, significar retrocesso ético, desintegração simbólica e destruição irreversível, seja de vínculos sociais, seja do planeta.

Em um contexto histórico marcado por crises ambientais globais, pandemias, polarizações políticas extremas e erosão das estruturas de confiança, revisitar Durkheim e a música da banda Pearl Jam, não é exercício apenas intelectual, mas gesto crítico: é examinar quais são os caminhos possíveis para reconstruir sentidos coletivos, regular o individualismo predatório e repensar o que, afinal, significa evoluir. Diante de tais desafios, a análise aqui proposta pretende contribuir para a compreensão dos dilemas contemporâneos e para a formulação de perspectivas mais complexas e éticas sobre progresso, modernidade e futuro social.

DURKHEIM, MODERNIDADE E ANTROPOCENO NA ESTÉTICA DE DO THE EVOLUTION

A canção Do the Evolution, lançada pelo Pearl Jam em 1998, constitui um dos objetos culturais mais significativos para se pensar a modernidade tardia e seus desdobramentos no Antropoceno. A obra, marcada pela ironia agressiva e pela montagem audiovisual frenética, articula uma crítica civilizacional que se aproxima surpreendentemente do pensamento de Émile Durkheim. Essa aproximação não é um exercício eventual de leitura cruzada, mas uma constatação de que a estética distópica da canção e o diagnóstico sociológico durkheimiano convergem ao identificar uma mesma matriz patológica: o colapso progressivo dos fundamentos morais que sustentam a

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

vida em sociedade. Assim, a música opera como dispositivo crítico que radicaliza, pela via artística, tensões que Durkheim diagnosticou ainda no final do século XIX, tensões essas que, ao atravessarem o século XX e se intensificarem no XXI, culminam na crise civilizatória do Antropoceno.

Durkheim advertiu que o progresso técnico não constitui fim em si mesmo, e que sua suposta neutralidade é ilusória. Em *O Progresso e a Autodestruição*, observa que avanços materiais desprovidos de regulação moral se tornam forças destrutivas, capazes de corroer tanto a vida social quanto a integridade dos indivíduos. Segundo Almeida (2018), essa é uma das críticas mais profundas de Durkheim à modernidade: a capacidade do capitalismo industrial de produzir, simultaneamente, abundância e miséria, liberdade e alienação, autonomia e isolamento. A canção *Do the Evolution* traduz esse paradoxo ao representar o “eu lírico” como entidade orgulhosa de sua suposta superioridade evolutiva, mas cuja trajetória é marcada exclusivamente pela violência, pela dominação e pela devastação ambiental. Trata-se da própria caricatura do homem moderno: hipertrofiado tecnicamente, atrofiado moralmente.

O vídeo da canção intensifica essa crítica ao condensar a história humana em imagens de extermínio, conquista e destruição, revelando, como destaca Carvalho (2015), que o ideário de progresso, frequentemente associado ao humanismo iluminista, esteve, na prática, intrinsecamente articulado à dominação colonial, ao racismo científico, à exploração industrial e ao aniquilamento da natureza. Em outras palavras, a evolução celebrada na música é o nome ideológico de um processo civilizatório que transformou a

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

capacidade humana de agir no mundo em força geológica destrutiva, inaugurando o Antropoceno.



Pearl Jam - Do the Evolution (Official HD Video)

Figura 1: Official HD Video for "Do the Evolution" by Pearl Jam 1998 – 00:59'

Essa interpretação encontra eco na teoria durkheimiana da anomia. Segundo Durkheim (2000), a modernidade produz estados de desregulação moral quando as transformações econômicas e sociais ocorrem mais rapidamente do que a capacidade das instituições de gerar novas normas e referências compartilhadas. Na canção, esse estado se personifica no sujeito que, diante da ausência de limites, converte a violência em atributo natural, a conquista em destino evolutivo e a destruição em espetáculo. É a figura do indivíduo anômico levado ao paroxismo, o indivíduo que age não apenas sem regulação moral, mas contra qualquer horizonte de coesão social. Lukes

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

(1984) e Fernandes (2012), observam que Durkheim via nessa figura não um desvio individual, mas sintoma estrutural: quando a sociedade falha em produzir solidariedade, o indivíduo torna-se portador de uma liberdade vazia, transformando-se em agente de sua própria autodestruição.

A estética audiovisual de *Do the Evolution* reafirma essa perspectiva ao representar a evolução humana como trajetória marcada pela intensificação ilimitada de capacidades: mais força, mais técnica, mais eficiência, mas menos sentido, menos pertencimento, menos vínculo moral. A crítica da música não é apenas política ou ambiental, mas ontológica: o *Homo sapiens* tornou-se espécie que se orgulha precisamente daquilo que o destrói. Aqui a leitura de Bauman (2001), torna-se especialmente pertinente. Na modernidade líquida, as instituições perdem estabilidade, os vínculos sociais se fragilizam e a lógica de mercado penetra todos os domínios da vida, produzindo sujeitos precarizados, consumos compulsivos e identidades voláteis. A canção antecipa esse horizonte ao mostrar a humanidade como massa instável, movida pela ansiedade evolutiva e pelo desejo ilimitado de controle, desejo que, ironicamente, conduz ao descontrole sistêmico. O vídeo enfatiza ainda a deterioração ambiental, incêndios, fumaça industrial, colapso climático, indicando a transição entre modernidade e Antropoceno. Tal transição é coerente com a crítica durkheimiana ao individualismo desenfreado: quando o indivíduo é elevado a princípio absoluto e o coletivo se dissolve, a própria ideia de responsabilidade intergeracional desaparece. O Antropoceno, portanto, não é apenas uma época geológica, mas expressão máxima do individualismo anômico, no qual a ação humana, livre de limites morais, ameaça a continuidade da vida no planeta. Durkheim não conheceu o

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

termo, mas antecipou seu fundamento ao afirmar que sociedades sem regulação moral caminham rumo ao colapso.



Figura 2: Official HD Video for "Do the Evolution" by Pearl Jam 1998. 03:24'

Metodologicamente, a análise de conteúdo (Bardin, 2011), aplicada à canção permite identificar esses núcleos de sentido recorrentes: violência evolutiva, euforia tecnocrática, destruição ambiental, orgulhosa ignorância moral. A música funciona como espécie de “ritual negativo”, no sentido durkheimiano (Durkheim, 2003): ela não unifica, mas expõe o esgarçamento das estruturas simbólicas que deveriam garantir a coesão social. Revela, assim, a falência daquilo que Durkheim considerava ser o núcleo integrador da modernidade: a capacidade de produzir normas coletivas diante da diferenciação crescente da vida social (Durkheim, 1999).

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

Se Durkheim esperava que a solidariedade orgânica fosse capaz de integrar sociedades complexas, *Do the Evolution* dramatiza sua ruína. A diferenciação, em vez de produzir interdependência, produz competição. A técnica, em vez de favorecer a cooperação, favorece a destruição. O eu lírico da canção, em vez de representar o humano moderno emancipado, encarna sua deformação: é o indivíduo que triunfa porque nada lhe limita, nem moral, nem sociedade, nem natureza. De tal modo, o encontro entre Durkheim e o Pearl Jam não é apenas interpretativo; é diagnóstico. Revela que a modernidade, ao perder sua âncora moral, desdobra-se em autodestruição. Mostra que a anomia não é episódio isolado, mas condição estrutural da modernidade tardia. E evidencia que o Antropoceno não é acidente, mas consequência lógica de uma modernidade que celebra sua própria evolução enquanto arruína as bases materiais e simbólicas da vida.

Do the Evolution expõe a ferida aberta da modernidade: sua incapacidade de produzir limites ao mesmo tempo em que expande indefinidamente sua capacidade de destruição. Nesse sentido, a canção demonstra com potência estética aquilo que Durkheim teorizou com precisão sociológica: sociedades que não regulam sua técnica e seu individualismo caminham, inevitavelmente, rumo à autodestruição.

O ANTROPOCENO COMO PATOLOGIA DA MODERNIDADE

Embora Émile Durkheim não tenha vivido para presenciar o debate contemporâneo sobre o Antropoceno, sua obra fornece um conjunto expressivo de ferramentas conceituais para compreender essa nova época geológica marcada pela ação humana como força destrutiva global. A partir

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

de seus escritos sobre a divisão do trabalho, o suicídio, a regulação moral, a sacralidade e os perigos do progresso descontrolado, é possível reconstruir, de maneira teoricamente fundamentada, aquilo que Durkheim provavelmente diria sobre o Antropoceno. Longe de ser mera extrapolação, esse exercício hermenêutico revela a atualidade surpreendente da sociologia durkheimiana para compreender a crise civilizacional contemporânea.

Para Durkheim, toda sociedade depende de um equilíbrio delicado entre diferenciação funcional e integração moral. Em *Da divisão do trabalho social* (1999), ele argumenta que o desenvolvimento das sociedades complexas só é saudável quando a especialização crescente é acompanhada por mecanismos de regulação capazes de conter a concorrência, ordenar expectativas e assegurar solidariedade orgânica. Quando esse equilíbrio se rompe, instala-se a anomia: um estado de desregramento moral em que os indivíduos já não reconhecem limites, funções ou responsabilidades em relação ao coletivo. O Antropoceno, sob leitura durkheimiana, poderia ser caracterizado precisamente como forma extrema de anomia global, uma situação em que a atividade econômica, técnica e industrial se autonomiza de qualquer regulação moral e passa a operar como força destrutiva, tanto social quanto ambiental.

O diagnóstico durkheimiano se torna ainda mais contundente quando mobilizamos *O Progresso e a Autodestruição*, texto no qual Durkheim reconhece que o desenvolvimento técnico, quando desvinculado de normas coletivas, tende à regressão moral. Para ele, há momentos históricos em que o progresso se converte em potência autodestrutiva, corroendo a coesão social e produzindo sofrimentos que não são apenas individuais, mas

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

estruturais. O Antropoceno pode ser lido justamente como esse ápice paradoxal: quanto mais a humanidade avança tecnicamente, maior é sua capacidade de devastação planetária. A técnica, em vez de promover bem-estar, transforma-se em vetor de risco global, fenômeno que Durkheim compreenderia como patologia da modernidade, isto é, como manifestação anômica decorrente do enfraquecimento da consciência coletiva.

Essa leitura se aproxima igualmente das análises apresentadas em *O suicídio* (2000). Embora a obra trate de um fenômeno individual, Durkheim insiste que suas causas são sociais e decorrem do grau de integração e regulação moral vigente em cada sociedade. O suicídio anômico, decorrente da ausência de limites e da desorganização das normas, encontra paralelo na ação coletiva que caracteriza o Antropoceno: trata-se de uma espécie de suicídio civilizacional, no qual uma sociedade liberada dos freios morais autolimita-se, destrói seu próprio habitat e compromete seu futuro. Assim como o indivíduo que enfrenta anomia age sem referências e se perde na própria liberdade, a humanidade do Antropoceno ultrapassa seus limites ecológicos porque perdeu, ou nunca consolidou, normas capazes de regular sua relação com a natureza.

Do ponto de vista metodológico, Durkheim também ofereceria crítica severa aos discursos que tratam a crise ambiental apenas como problema técnico. Em *As regras do método sociológico* (2007), ele afirma que fenômenos sociais não podem ser explicados por fatores psicológicos ou naturais isolados, mas por configurações morais e institucionais. Portanto, para Durkheim, a devastação planetária não resultaria de “falhas individuais” ou de “mau uso da tecnologia”, mas de um estado estrutural de desregulação

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

moral, inscrito no próprio modo de organização das sociedades modernas. O Antropoceno, assim interpretado, seria fato social total, expressão de uma crise profunda da moralidade coletiva que governa as relações entre humanos e natureza.

Essa crise moral também possui dimensões religiosas no sentido durkheimiano. Em *As formas elementares da vida religiosa* (2003), Durkheim argumenta que toda sociedade precisa sacralizar certos valores para garantir coesão e orientar condutas. O problema da modernidade, para ele, não foi a “morte da religião”, mas a incapacidade de substituir a sacralidade tradicional por uma sacralidade civil capaz de unificar a coletividade. No Antropoceno, essa falha torna-se dramática: a natureza, que poderia ser objeto de sacralidade coletiva, é tratada como recurso infinitamente explorável. Em uma sociedade regulada por valores puramente utilitaristas, não há lugar para a sacralização da vida não humana, dos ecossistemas, das gerações futuras. A natureza, dessacralizada, torna-se apenas matéria de uso, e seu esgotamento é percebido como externalidade aceitável do progresso econômico. Durkheim identificaria aqui um vazio simbólico profundo: um mundo no qual nada é sagrado é também um mundo no qual tudo pode ser destruído.

A soma desses elementos permite afirmar que, para Durkheim, o Antropoceno não seria fenômeno natural, mas expressão de uma nova forma de patologia social. Ele o interpretaria como resultado do fracasso da solidariedade orgânica em escala global. A modernidade complexificou as interdependências, mas não produziu instituições capazes de regular o comportamento coletivo frente aos limites ecológicos do planeta. Em vez de

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

integração moral entre funções especializadas, temos competição ilimitada; em vez de responsabilidade coletiva, maximização individual; em vez de coesão, fragmentação; em vez de sacralidade compartilhada, utilitarismo irrestrito. A crise ambiental, assim, não é acidente, mas consequência inevitável de uma modernidade anômica.

Portanto, Durkheim veria no Antropoceno um sinal inequívoco de que a modernidade atingiu um ponto crítico de desregulação moral. A crise ecológica expõe o esgotamento das instituições que deveriam garantir solidariedade, responsabilidade e limites. Ela revela que o progresso técnico, sem ancoragem moral, conduz não à evolução, mas à autodestruição. E indica que a humanidade só poderá enfrentar essa crise se reconstruir, em escala global, novos sistemas de sacralidade civil, novos princípios normativos e novas formas de solidariedade capazes de orientar a ação coletiva diante dos desafios planetários.

ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA LETRA DO THE EVOLUTION

A letra de "Do the Evolution" opera como uma narrativa irônica da trajetória humana, condensando em um discurso hiperbolizado aquilo que Émile Durkheim identificaria como patologias estruturais da modernidade. Cada verso apresenta elementos que dialogam com conceitos fundamentais da sociologia durkheimiana, tais como anomia, individualismo exacerbado, dessacralização da moral, ruptura da solidariedade orgânica e a ideia de um progresso autodestrutivo. Este artigo propõe uma leitura detalhada e crítica da letra, articulando os versos com a teoria sociológica de Durkheim, para demonstrar a atualidade de sua crítica social quando aplicada às

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

manifestações culturais contemporâneas. O trabalho está estruturado em seções que abordam os temas centrais identificados na canção, sempre cotejando-os com a obra do autor.

O eu lírico inaugura a canção afirmando uma superioridade evolutiva: “I’m ahead, I’m a man / I’m the first mammal to wear pants, yeah”. Para Durkheim (1999), tal consciência individual hipertrofiada decorre do enfraquecimento da solidariedade coletiva. A modernidade cria uma cultura do “primus inter pares”, na qual o indivíduo se percebe como ápice de uma linha evolutiva, apropriando-se de uma lógica competitiva típica de sociedades altamente diferenciadas. Esse orgulho prometeico evidencia a dissolução da consciência coletiva, substituída por um narcisismo evolutivo.



Figura 3: Official HD Video for "Do the Evolution" by Pearl Jam 1998. 03:17'

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

Esse narcisismo desloca-se para a esfera moral no verso “I’m at peace with my lust / I can kill ‘cause in God I trust, yeah”. Aqui observamos o que Durkheim (2000), chamaria de anomia moral: a ausência de limites internos capazes de conter desejos. O indivíduo se declara “em paz” com pulsões que escapam à regulação moral, convertendo a violência em um ato legitimado por instâncias simbólicas (“in God I trust”). Trata-se da perversão da sacralidade, elemento comum nas religiões analisadas por Durkheim (2003), o sagrado, antes fonte de restrição moral, torna-se justificativa para a destruição.

A justificativa macro para essas ações é sintetizada no refrão “It’s evolution, baby”. Esta frase encapsula uma ideologia moderna de progresso naturalizado. Durkheim (1999) alertava que o progresso só opera como força positiva quando acompanhado de regulação moral. A música evidencia a inversão desse princípio: as ações destrutivas do indivíduo são justificadas como se fossem parte inevitável e implacável da evolução.

A dimensão econômica da anomia é agudamente capturada no verso “Buying stocks on the day of the crash”. Esta imagem traduz a dissociação radical entre economia e moral. O indivíduo lucra exatamente no momento da tragédia coletiva, uma cena típica do que Durkheim chamaria de individualismo anômico. Em *O Suicídio*, o autor afirma que crises econômicas não apenas desestabilizam os meios materiais de existência, mas produzem uma desregulação moral profunda. A figura descrita pela música celebra essa desregulação como oportunidade.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

A destruição é estendida ao meio ambiente em “All the rolling hills, I'll flatten 'em out”. A conversão da paisagem natural em alvo de um gesto triunfal relaciona-se ao que Durkheim descreve como a técnica emancipada dos limites éticos, convertendo-se em força regressiva. A modernidade, nesse sentido, destrói aquilo que deveria sustentar sua própria existência, criando as condições para sua própria ruína, uma antecipação sociológica do Antropoceno. Ironicamente, essa celebração da individualidade desemboca em sua antítese: a homogeneização destrutiva. O verso “It's herd behavior” denuncia a perda da capacidade coletiva de agência moral. Durkheim afirmava que a coesão social só se mantém quando a consciência coletiva é forte. Quando ela se enfraquece, surge o comportamento de massa cego, resultado da ausência de regulação. O que emerge não é a solidariedade, mas o “rebanho anômico”.



REVISTA TÓPICOS – ISSN: 2965-6672

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

Figura 4: Official HD Video for "Do the Evolution" by Pearl Jam 1998. 01:46'

A crise da socialização e da família aparece no trecho “Admire me, admire my home / Admire my son, he's my clone”. Esse trecho reforça a ideia de um individualismo narcísico que se reproduz a si mesmo. Durkheim (1999), observa que sociedades modernas tendem a transformar as relações familiares em um prolongamento da individualidade. Não há alteridade, apenas a reprodução dele. O “clone” simboliza a ausência de diversidade moral e social, uma condição que mina os fundamentos da solidariedade orgânica. O núcleo da anomia moderna é declarado sem reservas: “This land is mine, this land is free / I'll do what I want but irresponsibly”. Para Durkheim, a liberdade só é socialmente saudável quando limitada pela moral coletiva. A frase é um resumo perfeito de sua crítica: a modernidade cria indivíduos que confundem autonomia com ausência de limites.

A dissonância moral atinge seu ápice no verso “I'm a thief, I'm a liar / There's my church, I sing in the choir (Hallelujah)”. Em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, Durkheim (2003), defende que os rituais produzem coesão ao reforçar valores compartilhados. Aqui, ao contrário, o ritual religioso é completamente esvaziado: o sujeito participa da igreja, mas vive em contradição absoluta com qualquer preceito moral. É a crise da sacralidade civil da modernidade, onde a forma do ritual permanece, mas seu conteúdo moral se perdeu.

O clímax distópico do progresso autodestrutivo é alcançado em “I crawled the earth, but now I'm higher / Twenty Ten, watch it go to fire”. O eu lírico

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

atinge o “alto” apenas para testemunhar o mundo “pegar fogo”. Essa metáfora coincide com o diagnóstico durkheimiano de que o progresso moderno, se não regulado moralmente, conduz à destruição de suas próprias bases. O desastre não é apresentado como acidente, mas como destino lógico da anomia globalizada.



Figura 5: Official HD Video for "Do the Evolution" by Pearl Jam 1998. 02:58'

O verso final, “Do the evolution / Come on”, funciona como um convite performativo, uma convocação ritual dirigida ao público. No entanto, trata-se de um ritual perversamente invertido. Sob lentes durkheimianas, este momento constitui uma anticerimônia: uma prática simbólica que conserva a forma do ritual, repetição, convocação, intensidade emocional, mas esvazia completamente sua função social integradora (Durkheim, 2003). O ritual não

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

eleva, não regula e não integra; ele incita, desregula e rompe. A energia coletiva, que deveria reforçar a coesão moral, é convertida na exaltação da força bruta e da ausência de limites. É o ritual que celebra precisamente o núcleo das patologias modernas. Desse modo, “Do the evolution / Come on” funciona como a síntese simbólica da crítica civilizacional da canção: um rito final que consagra a autodestruição como se fosse a maior conquista evolutiva.

A análise da letra de "Do the Evolution" através da teoria de Émile Durkheim revela-se profundamente produtiva. A música serve como um espelho hiperbólico das patologias sociais diagnosticadas pelo sociólogo: a anomia como desregulação moral, o individualismo como narcisismo destrutivo, a perversão do sagrado e a transformação do progresso em força autodestrutiva. O convite final, “Do the evolution”, longe de ser uma mera provocação, representa a culminância desse processo: o momento em que a sociedade, tendo perdido sua capacidade de produzir rituais de coesão, passa a celebrar ritualmente a sua própria ruína. A canção, portanto, atualiza e dramatiza a crítica durkheimiana, alertando para as consequências de uma modernidade que emancipa a técnica e o indivíduo às custas da regulação moral e da solidariedade coletiva.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durkheim elaborou sua obra em um contexto histórico marcado por transformações profundas, impulsionadas pelo avanço da industrialização, pela urbanização acelerada e pela desarticulação progressiva das bases tradicionais de organização social. O final do século XIX era um período de

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

tensões estruturais, no qual antigas formas de solidariedade, amparadas na religião, na tradição comunal e na repetição ritualística dos costumes, perdiam sua centralidade diante do surgimento de um mundo cada vez mais complexo, plural e competitivo. Para Durkheim, a grande questão sociológica da modernidade emergente consistia precisamente em compreender como seria possível manter a coesão social quando os pilares simbólicos que sustentavam a vida coletiva se encontravam em franca dissolução.

Em *Da Divisão do Trabalho Social* (Durkheim, 1999), ele analisa a passagem de sociedades fundadas na solidariedade mecânica, estruturada pela homogeneidade e pelo compartilhamento de crenças e práticas comuns, para sociedades caracterizadas pela solidariedade orgânica, sustentada pela interdependência funcional entre indivíduos diferenciados. A modernidade, ao promover a especialização crescente e a diferenciação dos papéis sociais, exige novos mecanismos de integração que já não podem depender da similitude, mas da coordenação moral entre funções diversas. Entretanto, Durkheim adverte que tal processo, embora inevitável, carrega consigo um risco estrutural: a divisão do trabalho só gera coesão quando regulada por normas e instituições capazes de conter a competição exacerbada e estabelecer um horizonte moral comum. Quando essa regulação falha, a diferenciação social deixa de ser fonte de integração e passa a produzir desigualdade, conflitos e patologias sociais.

É nesse ponto que surge a noção de anomia, central no pensamento durkheimiano. A anomia não é mero caos, mas o estado de desregramento que se instala quando normas sociais perdem legitimidade ou clareza,

deixando o indivíduo sem referências morais que orientem suas escolhas. Para Durkheim, tal situação conduz à perda de limites, à insatisfação permanente e ao colapso da capacidade de coordenação coletiva. Em *O Suicídio* (Durkheim, 2000), ele reforça essa interpretação ao demonstrar empiricamente que taxas de suicídio tendem a aumentar justamente em sociedades onde a integração e a regulação social se fragilizam. Em contextos marcados pelo individualismo excessivo e pela competição sem fronteiras, como nas sociedades capitalistas modernas, prolifera um tipo específico de sofrimento social que não pode ser compreendido apenas pela psicologia individual, mas pelo enfraquecimento das redes de pertencimento e dos referenciais coletivos.

Ao avançar seus estudos para o campo da religião em *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (Durkheim, 2003), o sociólogo reafirma que a coesão social depende da existência de símbolos e rituais capazes de produzir unidade moral. Mesmo em sociedades modernas e secularizadas, ele defende que a religião não se limita a crenças espirituais, mas funciona como matriz simbólica que reforça a consciência coletiva. A crise da religião tradicional na modernidade não elimina, portanto, a necessidade de sacralidade, mas exige a emergência de novas formas de vínculo moral, o que ele denomina de “sacralidade civil”. Assim, Durkheim constrói um aparato conceitual vigoroso para interpretar não apenas as tensões de seu tempo, mas também dilemas contemporâneos: o hiperindividualismo neoliberal, a precarização das relações de trabalho, a fragmentação identitária e a crise ecológica global.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

Nesse panorama, a música *Do the Evolution* (Pearl Jam, 1998) aparece como um espelho cultural dessa crise moral. Longe de ser apenas uma produção artística, a canção condensa, em sua letra e sobretudo em seu videoclipe, uma crítica profunda ao mito moderno do progresso. Em poucos minutos, a animação percorre a história humana desde tempos pré-históricos até um futuro distópico, enfatizando ciclos de violência, dominação, genocídio, escravidão, guerras, industrialização predatória e devastação ambiental. Tudo isso é narrado pela voz irônica do vocalista da banda Eddie Vedder, de um eu lírico que se autoproclama “evoluído”, assumindo uma postura de orgulho mórbido diante da destruição acumulada pela própria espécie.

A voz que fala na música é, na verdade, a personificação de uma consciência coletiva distorcida. Ela representa a humanidade em sua versão mais brutal, arrogante, triunfalista e convencida de que seu poder técnico equivale a evolução moral. Essa postura ecoa o ethos do capitalismo moderno, que naturaliza a eficiência, a dominação e o lucro como critérios de valor universal, ignorando os custos humanos e ambientais desse modelo. O sujeito da canção é, assim, a materialização estética do indivíduo anômico descrito por Durkheim: alguém que perdeu qualquer referência ética externa e se guia apenas pela exacerbação do próprio desejo. Embora a música apresente diferentes camadas críticas, sua força reside justamente na articulação entre violência histórica, individualismo extremado e tecnocracia alienante. O progresso, tal como representado na canção, não se manifesta como promessa de emancipação, mas como intensificação da capacidade humana de destruir, destruir povos, destruir culturas, destruir ecossistemas. Da mesma forma, o individualismo narcisista proclamado pelo eu lírico

reflete a lógica moral que Durkheim via emergir nas sociedades modernas: a dissolução do coletivo em favor de uma liberdade egoísta, sem limite e sem responsabilidade. Por fim, a estetização da tecnologia como instrumento de controle e vigilância, e não de libertação, traduz a crítica contemporânea à racionalidade instrumental que, ao se autonomizar, subordina a vida humana a critérios de produtividade, desempenho e automatização.

Do the Evolution, portanto, não se limita a denunciar injustiças específicas do capitalismo. Ela articula uma crítica civilizacional que alcança as bases simbólicas da modernidade. Sua narrativa multimodal, música, letra, imagens, funciona como dramatização sensível daquilo que Durkheim conceitualizou como anomia: a corrosão das referências morais, a perda do sentido coletivo e a transformação do indivíduo em agente de sua própria destruição. Nesse sentido, a canção e a teoria sociológica convergem para revelar a profunda contradição que atravessa a modernidade, a mesma racionalidade que permitiu avanços técnicos inéditos também inaugurou formas inéditas de barbárie.

MATERIAL E MÉTODO

A escolha metodológica privilegiou a análise de conteúdo conforme sistematizada por Bardin (2011), uma abordagem que se mostrou especialmente adequada para articular elementos simbólicos, discursivos e imagéticos presentes tanto na canção Do the Evolution quanto nas obras de referência de Émile Durkheim. Em vez de se limitar a uma leitura impressionista, optou-se por um procedimento rigoroso de interpretação que permitisse identificar regularidades, significados latentes e aproximações

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

estruturais entre os dois corpus. Essa postura metodológica implica, primeiramente, uma leitura exaustiva da letra da música, entendida não apenas como texto poético, mas como documento cultural que expressa valores, tensões sociais e representações coletivas. Essa leitura prolongada possibilitou uma imersão no universo simbólico da canção, permitindo reconhecer temas recorrentes como violência, progresso, dominação, individualismo e destruição ambiental.

A partir dessa imersão inicial, realizou-se uma categorização temática que buscou mapear os núcleos de sentido presentes na música e relacioná-los com conceitos estruturantes da teoria durkheimiana, como anomia, solidariedade, coesão moral, consciência coletiva e regulação social. Essa etapa foi fundamental para estabelecer pontes interpretativas entre o universo estético da canção e o arcabouço teórico da sociologia clássica. Paralelamente, procedeu-se a um exame sistemático das obras de Durkheim, priorizando *Da Divisão do Trabalho Social*, *O Suicídio*, *As Regras do Método Sociológico* e *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, de modo a identificar de que maneira tais conceitos contribuíam para esclarecer a crítica contida na música ou, inversamente, como a canção poderia servir como atualização sensível de problemas teóricos formulados pelo autor.

Em seguida, desenvolveu-se uma comparação interpretativa entre os dois conjuntos discursivos. Essa comparação não foi conduzida de forma mecânica ou meramente analógica, mas como exercício hermenêutico destinado a compreender como diferentes linguagens, a ciência e a arte, podem convergir na denúncia das patologias sociais da modernidade. Tal procedimento permitiu observar que a crítica estética elaborada pela banda

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

Pearl Jam, ao problematizar a violência da história humana, a arrogância civilizatória e a devastação ambiental, encontra ressonância nos diagnósticos sociológicos de Durkheim sobre o individualismo extremo, o enfraquecimento da moral coletiva e a tendência anômica das sociedades complexas.



Figura 6: Official HD Video for "Do the Evolution" by Pearl Jam 1998. 02:32'

Além disso, essa comparação foi constantemente contextualizada por meio de uma revisão bibliográfica que incluiu tanto intérpretes clássicos de Durkheim quanto autores contemporâneos que atualizam seu pensamento no debate sobre modernidade, racionalidade técnica e crise de sentido. Essa etapa ampliou a densidade da análise e evitou leituras anacrônicas ou

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

simplificadoras, garantindo que a articulação entre Durkheim e *Do the Evolution* fosse sustentada por referenciais teóricos sólidos.

A triangulação entre leitura, categorização temática, análise comparativa e revisão bibliográfica resultou, assim, em um método capaz de produzir interpretações integradas e críticas sobre a modernidade. Mais do que identificar paralelos superficiais entre a obra durkheimiana e a canção do Pearl Jam, essa abordagem permitiu compreender que ambas as produções operam, cada qual em seu campo discursivo, como diagnósticos das mesmas tensões estruturais: o colapso normativo, o esgarçamento da coesão social, a hipertrofia do individualismo e a deterioração ambiental. Essa perspectiva metodológica, ao articular ciência e arte, possibilitou iluminar aspectos profundos da crise moral contemporânea e demonstrou que a sociologia clássica continua a oferecer ferramentas valiosas para interpretar expressões culturais da atualidade.

DISCUSSÃO

A música “*Do the Evolution*”, da banda Pearl Jam, constitui um importante artefato cultural para a leitura sociológica da anomia moderna, articulando crítica moral, denúncia histórica e reflexão sobre o colapso das estruturas regulatórias da vida coletiva. Em diálogo direto com Durkheim, a canção encena a figura do sujeito anômico, aquele que, diante da desregulação ética característica das sociedades modernas, já “não sabe mais o que é permitido e o que é proibido” (Durkheim, 2000). O personagem que emerge no videoclipe, um “primeiro homem” simultaneamente arcaico e hipertecnológico, encarna, com ironia feroz, o indivíduo que celebra a

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

violência como atributo evolutivo, naturaliza a destruição e se move dentro de uma lógica de poder que dispensa qualquer horizonte moral. O avanço técnico, dissociado de qualquer parâmetro ético, converte-se em força regressiva, instaurando um cenário que converge com o diagnóstico durkheimiano de colapso normativo próprio de sociedades industrializadas regidas exclusivamente pela racionalidade mercantil.



Figura 7: Official HD Video for "Do the Evolution" by Pearl Jam 1998. 00:27'

Essa crítica ganha densidade na medida em que a música e seu videoclipe dramatizam a contradição estruturante da modernidade: o progresso técnico não assegura progresso moral. Durkheim já advertia que a evolução material deveria servir à realização humana, e não se converter em justificativa para novos ciclos de dominação e violência (Durkheim, 1999). No entanto, a

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

narrativa visual construída pelo clipe opera precisamente esse deslocamento: a história humana surge como sucessão de massacres, colonizações, guerras e catástrofes ambientais, todas legitimadas pelo discurso triunfalista da evolução. O resultado é uma denúncia da falência da promessa moderna, que apostou na técnica como motor de emancipação, mas frequentemente produziu formas mais sofisticadas de destruição.

Nesse processo, evidencia-se também a fragmentação da solidariedade social. A letra da canção enfatiza um individualismo radical, hierarquias violentas e celebração da competição extrema. Para Durkheim, tais manifestações emergem quando a solidariedade orgânica, aquela que deveria resultar da cooperação entre funções sociais diferenciadas, fracassa em se consolidar. Quando a divisão do trabalho aprofunda desigualdades e desestabiliza os vínculos simbólicos que sustentam a vida coletiva, a coesão social se torna inviável, abrindo espaço para a figura paradoxal do sujeito soberano, autocentrado e desprendido de qualquer responsabilidade comunitária. A música, portanto, transcende a crítica cultural para convergir com uma crítica sociológica estrutural: o indivíduo moderno, celebrado como autônomo, é também produto de um processo histórico de esvaziamento da consciência coletiva.

Quando articulamos essa leitura a reflexões contemporâneas, como as de Bauman (2001), a pertinência do diagnóstico se intensifica. A modernidade líquida, marcada por fluxos acelerados, relações frágeis e instabilidade institucional, acentua a experiência de incerteza, vulnerabilidade e perda de sentido. Esses elementos, já identificados por Durkheim como condições propícias à anomia, reaparecem na canção sob a forma de um comentário

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

contundente sobre a volatilidade moral e emocional do mundo atual. “Do the Evolution” funciona, assim, como uma denúncia estética da crise de sentido que atravessa a modernidade tardia, aquilo que deveria constituir evolução transforma-se, no limite, em sintoma de esgotamento civilizatório.

IMPLICAÇÕES

A análise da canção evidencia que a crítica formulada pelo Pearl Jam ressoa de maneira direta com alguns dos problemas estruturais identificados por Durkheim na conformação das sociedades modernas. A primeira dimensão refere-se à crise moral que emerge quando já não existem referências éticas amplamente compartilhadas capazes de orientar a conduta individual e sustentar expectativas recíprocas. Esse esvaziamento normativo, característico do fenômeno da anomia, aparece simbolicamente na música como uma celebração da ausência de limites, na qual o indivíduo age sem qualquer horizonte moral comum, guiado apenas por impulsos de dominação, violência ou sobrevivência competitiva. Paralelamente, torna-se evidente a desagregação social que acompanha o enfraquecimento dos vínculos coletivos. Em Durkheim (2007), tal processo decorre da fragilidade da solidariedade, seja mecânica, seja orgânica, quando a sociedade deixa de produzir formas de integração capazes de articular diferenças, promover coesão e estabelecer sentidos comuns. A narrativa visual e sonora construída pelo Pearl Jam sugere precisamente esse colapso da vida em comum, representado por uma humanidade atomizada, fragmentada, incapaz de reconhecer-se enquanto corpo coletivo.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

Outro elemento crucial é o que Durkheim antecipou como paradoxo do progresso, o avanço técnico que, em vez de elevar a condição humana, passa a operar como força destrutiva quando desvinculado de responsabilidade social. A música enfatiza essa dissociação trágica ao retratar a modernização como trajetória marcada por violência, exploração e degradação ambiental. O progresso deixa de ser promessa civilizatória e se converte em instrumento de destruição, ecoando o diagnóstico durkheimiano de que a técnica, quando não regulada por valores coletivos, pode aprofundar desigualdades e corroer os fundamentos da vida social.

Por fim, evidencia-se a alienação, entendida como perda de sentido diante de uma racionalidade instrumental que reduz a existência a cálculo, eficiência e autopreservação competitiva. Essa alienação aparece na canção como uma forma de desencantamento radical: o sujeito contemporâneo, imerso em fluxos incessantes de consumo, informação e violência simbólica, vê-se desprovido de pertencimento e de orientação existencial. A racionalidade que deveria emancipar torna-se mecanismo de distanciamento e indiferença.

Todos esses elementos, que Durkheim identificou ainda no final do século XIX, permanecem notavelmente atuais no século XXI, sobretudo no contexto de debates sobre hiperconsumo, colapso ambiental, desigualdade estrutural e individualismo extremo. A música do Pearl Jam, ao dramatizar tais tensões, funciona como instrumento crítico privilegiado para compreender como a modernidade intensifica seus próprios dilemas, revelando a persistência, e até o agravamento, das formas contemporâneas de anomia social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise conduzida ao longo deste ensaio permite afirmar que o diálogo entre a sociologia clássica durkheimiana e a crítica cultural presente em *Do the Evolution* revela-se não apenas heurístico, mas imperativo para compreender a complexidade da modernidade tardia. A aproximação entre essas duas esferas, o pensamento científico e a expressão estética, demonstra que ambos operam como dispositivos analíticos capazes de diagnosticar, cada qual à sua maneira, as tensões estruturais que moldam a vida social contemporânea. Durkheim, ao teorizar sobre anomia, coesão moral e fragmentação social, construiu um arcabouço interpretativo cuja força explicativa permanece surpreendentemente atual. O Pearl Jam, por meio de uma narrativa estética marcada pela ironia, pela hipérbole e pela crítica à racionalidade instrumental, traduz essas mesmas inquietações em linguagem sensível e imediatamente acessível, produzindo uma espécie de sociologia cantada que evidencia as patologias de nosso tempo.

O exame comparativo evidenciou que os elementos fundamentais da crítica durkheimiana, o colapso normativo, a fragilização dos vínculos coletivos, a hipertrofia do individualismo e a desconexão entre progresso técnico e responsabilidade moral, são intensificados na modernidade tardia e representados de forma contundente na canção. A estética do vídeo, ao percorrer diversas fases da história humana e enfatizar ciclos recorrentes de violência, dominação e destruição ambiental, dramatiza a falência do imaginário evolutivo ocidental e expõe a lógica autodestrutiva que orienta grande parte do desenvolvimento contemporâneo. Tal representação converge com as advertências de Durkheim (2007), quando a técnica se

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

emancipa de qualquer regulação ética e a competição é convertida em princípio organizador universal, a sociedade produz indivíduos descentrados, desprovidos de referências morais e cada vez mais suscetíveis à anomia.

Nesse sentido, a canção não opera apenas como denúncia estética, mas como síntese crítica de dilemas estruturais que se agravaram em nosso século. A crise ecológica, o hiperconsumo, a financeirização da vida, a precarização das relações sociais e o avanço de discursos autoritários evidenciam que a modernidade, longe de cumprir plenamente sua promessa emancipatória, engendrou novos modos de dominação e sofrimento social. Assim como Durkheim observou no final do século XIX, vivemos uma época marcada pela erosão dos vínculos simbólicos, pela disseminação do desencanto e pela dificuldade crescente de produzir consensos normativos capazes de sustentar a vida em comum. Do *the Evolution* captura essa condição com clareza brutal ao encenar o triunfo de uma humanidade que, ao celebrar sua suposta evolução, revela sua profunda regressão moral.

A conjugação entre teoria sociológica e crítica cultural permite, portanto, iluminar zonas de sombra da modernidade que nem a ciência, isoladamente, nem a arte, de maneira autônoma, seriam capazes de esclarecer plenamente. Ao integrar esses dois registros, o presente estudo reafirma a produtividade epistemológica da interdisciplinaridade e demonstra que a sociologia clássica continua a oferecer ferramentas valiosas para interpretar expressões culturais contemporâneas que, por sua vez, atualizam e expandem diagnósticos formulados há mais de um século. Tal constatação sugere que a anomia, longe de ser um conceito restrito ao contexto industrial europeu, tornou-se

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

categoria analítica fundamental para a leitura das sociedades globais hipercomplexas, marcadas por volatilidade, incerteza e perda de sentido.

Por fim, os resultados desta investigação apontam para a necessidade imprescindível de repensar os fundamentos éticos da vida coletiva. Se a modernidade enfatizou de maneira quase exclusiva o progresso técnico, negligenciando sua dimensão moral, o século XXI coloca diante de nós a tarefa inadiável de reconstruir formas de solidariedade capazes de conter o individualismo predatório e de reorientar o desenvolvimento humano para fins verdadeiramente emancipatórios. A crítica durkheimiana e a denúncia estética de *Do the Evolution* convergem para um imperativo comum, a sobrevivência civilizacional depende da capacidade de recuperar os laços simbólicos que sustentam a coesão social e de redefinir o que significa evoluir enquanto espécie. Sem essa reinvenção ética, a modernidade corre o risco de permanecer prisioneira de sua própria lógica autodestrutiva, convertendo o progresso em ruína e a história em repetição interminável de violências.

A partir dessas reflexões, conclui-se que a interlocução entre sociologia e cultura pop não apenas enriquece a compreensão dos dilemas contemporâneos, mas também oferece caminhos interpretativos capazes de ampliar o horizonte crítico sobre o futuro. Em um mundo atravessado por crises múltiplas, visitar Durkheim e ouvir Pearl Jam torna-se, paradoxalmente, um gesto de lucidez, onde compreender o presente exige enfrentar seus paradoxos, suas sombras e a urgência ética que pulsa sob a superfície da modernidade.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672



Figura 8: Official HD Video for "Do the Evolution" by Pearl Jam 1998. 03:05'

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. A crítica de Durkheim à modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 33, n. 98, p. 1-15, 2018.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARVALHO, J. A sociologia de Durkheim e a crítica à modernidade. *Revista de Ciências Sociais*, v. 46, n. 2, p. 245-262, 2015.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

DURKHEIM, Émile. O suicídio. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERNANDES, F. Durkheim e a crise da modernidade. Revista de Sociologia e Política, v. 20, n. 43, p. 9-24, 2012.

LUKES, S. Émile Durkheim: su vida y su obra. Madrid: CIS, 1984.

PEARL JAM. Do the Evolution. In: Yield. New York: Epic Records, 1998. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aDaOgu2CQtI>>. Acesso 18/11/202

JAM, Pearl et al. Pearl Jam. Monkey Wrench, 2006. Disponível em: <<https://lyricalbooks.com/wp-content/uploads/2024/11/Pearl-Jam-WIKI.pdf>>. Acesso 18/11/2025

PICKERING, W. S. F. Durkheim's sociology of religion. London: Routledge, 1984.

SANTOS, J. A crítica de Durkheim à sociedade moderna. Revista de Ciências Sociais, v. 50, n. 1, p. 1-18, 2019.

TURNER, J. H. Émile Durkheim: sociólogo e filósofo. São Paulo: Loyola, 1994.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

¹ Estudante do curso de Pedagogia na Universidade Estácio de Sá e professora auxiliar nos projetos EJA e ENCCEJA desenvolvidos pela mesma instituição. E-mail: l.b.f.hennersdorf@gmail.com

² Graduada em Pedagogia e estudante dos cursos de Psicologia e Letras (Português), na Universidade Estácio de Sá, é professora nos projetos EJA e Encceja desenvolvidos pela mesma instituição. E-mail: kkelaorj@gmail.com.

³ Graduado em Análise de Sistemas e em História pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU-SP), possui formação acadêmica multidisciplinar. É pós-graduado com MBAs em Gestão do Conhecimento e em Data Warehouse e Business Intelligence, além de especializações em Engenharia de Software, Antropologia, História, Educação do Campo, Filosofia, Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia. Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA-RJ), onde atua como professor titular e pesquisador. Leciona nos cursos de Pedagogia, Sociologia e Antropologia, bem como nas graduações em Ciências Jurídicas, Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Ciências da Computação. Atualmente, é doutorando em Educação pela Universidad Nacional de Rosario (UNR-Argentina). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4660184868094532>. Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0006-3739-0681>. E-mail: atilafmusp@gmail.com

⁴ A anomia é um estado de falta de objetivos e regras e de perda de identidade, provocado pelas intensas transformações ocorrentes no mundo social moderno. A modernidade, com seus intensos processos de mudança,

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

não fornece novos valores que preencham os anteriores demolidos, ocasionando uma espécie de vácuo de significado no cotidiano de muitos indivíduos. Há um sentimento de se "estar à deriva," participando inconscientemente dos processos coletivos/sociais: perda quase total da atuação consciente e da identidade (Durkheim, 1999).

⁵ Pearl Jam, banda de rock estadunidense formada em Seattle em 1990, é uma das mais importantes e duradouras de sua geração, sendo ícone do movimento grunge. A canção "Do the Evolution" integra seu quinto álbum de estúdio, *Yield*, lançado em 1998 (Jam, 2006).